

para uma certa inteligência musical que combina bem com a voz extrema de Andy Barnard. Ao seu lado, o *frontman* – que também acumula a função de guitarrista – tem o baixista Reece Bevan e o baterista Steve Grant, uma secção rítmica brava e brutal que atira cá para fora umas poderosas garras que, quase de certeza, os vão fazer agarrar de forma implacável e merecida à dureza das atenções dentro deste espectro. De mencionar como nota de aviso: o poder e a agressão explícita neste trabalho não sacrificam qualquer departamento – ao contrário de alguns trabalhos já apresentados dentro desta área. [7] J.M.M.



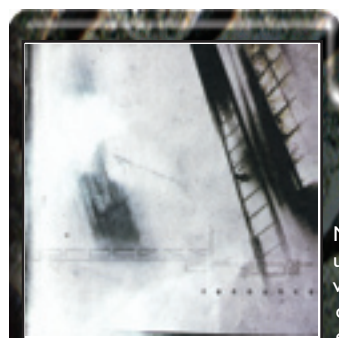
depois – e já a meio de uma digressão – o grupo viu-se subitamente privado dos préstimos do vocalista Joshua Scogin, que abandonou o projecto para formar os The Chariot. Felizmente os restantes músicos recusaram-se a baixar os braços e continuaram na estrada... Num acto de bravura a banda foi actuando com diversos vocalistas provisórios até encontrar finalmente um substituto à altura do anterior. Com Cory Brandan a bordo e já totalmente integrado no colectivo gravaram finalmente o segundo álbum e, quiçá conscientes de que seria muito difícil voltarem a fazer um disco tão brutal e envolvente como o primeiro, optaram por uma abordagem ligeiramente diferente. «O' God, The Aftermath» revelou uns Norma Jean claramente mais controlados e estruturados, apostados em injectar influências pós-hardcore à sonoridade que os tornou famosos. Do início de «A Grand Scheme For A Color Film» ao final com «No Passenger: No Parasite», «Redeemer» afirma-se como um passo lógico e seguro na carreira dos Norma Jean – quem conhece «O' God, The Aftermath» saberá o que esperar de

## NORMA JEAN

«Redeemer»

[CD – Century Media/Mastertrax]

Os norte-americanos Norma Jean parecem ser uma daquelas bandas eternamente condenadas a tentar superar o impacto do seu registo de estreia a cada novo disco que gravam. Aquando da sua edição [em 2002] o colossal «Bless The Martyr And Kiss The Child» transformou-se quase de imediato num clássico do metalcore mais caótico e de estruturas matemáticas. Registado “ao vivo” em estúdio, o álbum espantou muita gente com a sua abordagem muito visceral e incrivelmente crua, fundindo a agressividade exacerbada de uns Converge com a descarga monolítica dos Neurosis por alturas de «Through Silver In Blood». Meses



## PROCESS OF GUILT

«Renounce»

[CD – Major Label Industries/Recital]

Nunca vos aconteceu seguirem a evolução de uma banda de perto ao ponto de, a dada altura, viverem quase tão efusivamente as suas conquistas como os próprios elementos da banda em questão? Provavelmente já, julgo que esse

sentimento deve ser comum a qualquer verdadeiro amante de música. E quando digo seguir de perto, não me refiro a ser amigo ou familiar de um dos elementos de uma determinada banda e privar no mesmo espaço físico destes, refiro-me antes a um estado mais mental e sentimental. «Portraits Of Regret» e «Demising Grace» são, provavelmente, das maquetas que mais rodaram no meu leitor de CDs nos últimos anos... E olhem que não ouço tão poucas quanto isso. Os mais atentos ao panorama underground nacional saberão certamente daquilo que falo e terão o nome Process Of Guilt tão em conta como eu. O disco de estreia passou a tornar-se uma exigência e uma urgência, face ao talento que, unanimemente, se reconheceu no trabalho desta banda de Évora. «Renounce» é, desta forma, uma das estreias mais aguardadas do corrente ano a nível nacional e, a julgar pelo que aqui se escuta, será uma das mais concorridas nos balanços anuais daquilo que por cá foi editado. Musicalmente falando, pós-doom é uma designação que comumente tem sido associada à sonoridade praticada pelos Process Of Guilt, o que, em parte, tem a sua razão de ser. «Renounce» é doom metal na sua base – quer seja pelos riffs monolíticos e pesados, quer pelo sentimento de desolação e desespero que transmite a quem o escuta – mas é na forma como é servido que reside a novidade e o interesse por esta banda. A abordagem é indole, despida de pormenores mas, simultaneamente, carregada de sentimento, faz erguer um verdadeiro colosso de desesperantes melodias e paisagens em tons de cinzento, conferindo a temas de duração quase sempre superior aos oito minutos uma dinâmica pouco condicente com discos deste género. As passagens atmosféricas – com claras reminiscências a Neurosis ou Cult Of Luna – que irrompem em alguns temas ajudam a criar esse tal dinamismo e a consolidar o sentimento agradavelmente frio e desolador que bandas como os Katatonia tão bem conseguem transmitir. Perfeito exemplo disso encontra-se em «Becoming Light», o tema mais longo do álbum, mas aquele que revela o potencial do colectivo em toda a sua plenitude. «Fragments» – um tema de «Demising Grace» – surge aqui com outra dimensão, aliando-se a «Window», «Falling», «Crawl» e «Burden» numa longa mas estimulante viagem que, no final, deixa a sensação que acabámos de fazer parte de um processo que tem muito de original e válido a oferecer ao panorama de peso actual... E ainda só estamos no início. [9] R.A.

«Redeemer». Aqui a fórmula testada com sucesso no trabalho anterior é aperfeiçoada e levada ao extremo, tornada mais acessível com a ajuda do produtor Ross Robinson. No entanto, estes onze temas raramente conseguem captar os níveis de envolvimento, intensidade e dinamismo que tinham caracterizado os Norma Jean até aqui. Sabendo que os cinco músicos passaram grande parte do último ano na estrada fica a sensação de que muito deste material deve ter sido escrito em cima do joelho, soando como se precisasse de amadurecer um pouco mais para ter o impacto que se pretendia. A eficiência de canções como «Blueprints For Future Homes», «A Small Spark vs. A Great Forest», «The End Of All Things Will Be Televised» ou «Like Swimming Circles» é inegável, mas – no geral – «Redeemer» revela alguma dificuldade em prender a atenção do ouvinte ao longo dos seus 41 minutos de duração. [7] J.M.R.

## PAGANIZE

«Evolution Hour»



[CD – Candlelight/PHD/Recital]

Trym é o homem que ficou conhecido com uma bateria à frente em grupos como Emperor e Zyklon e, por isso, quando decidiu formar uma banda paralela por volta de 2002, não partiu propriamente do zero. Ainda assim, os seus Paganize – onde pontifica também o vocalista dos WinterStrain – gravaram duas maquetas e demoraram cerca de quatro anos até lançarem esta estreia. O que prova alguma vontade de fazer as coisas como devem ser feitas. O que pouca gente esperava é que a mais recente banda de Trym fosse um agrupamento de... Heavy metal tradicional como se fazia na década de 80, cruzado com o que de melhor o hard rock tinha no final dos anos 70. É, por isso, natural que nomes como Black Sabbath, Dio, Queensrÿche e até Iron Maiden e Judas Priest sejam despedidos para o comunicado de imprensa que acompanha o disco, sem qualquer sombra de remorso por parte da editora. «Evolution Hour» é, efectivamente, um álbum de heavy metal clássico com cheiro – e estética – muito anos 80, com tudo o que hoje poderá agradar quer a fãs recentes quer a gostos mais *old school*. Aliás, não fosse o facto de os temas deste disco de estreia demonstrarem uma quase alfitiva incapacidade dos Paganize para compor músicas fortes e «Evolution Hour» poderia mesmo se perfeito. Porque conta com uma secção rítmica muito forte, com solos de guitarra que não olham para o relógio e não se poupam a notas e escalas [escutem a dualidade do solo de «Mary King's Close» e tentem ficar indiferentes] e, sobretudo, uma atitude que imola aquele sentimento quase *naïve* em que os anos 80 eram pródigos, quando falamos de heavy metal. No entanto, tirando o filão melancólico

de «Blind Eyes» que é bem explorado, a receita raramente produz bons pratos em «Evolution Hour» e, audição após audição, vai-se instalando a sensação de que os Paganize ficaram a meio de qualquer coisa aqui. Não deixa de ser uma estreia promissora, sobretudo porque tem efectivamente boas ideias a espaços e bons executantes. Mas é preciso um pouco mais de batatas e carne na música. É favor arranjar malhas. [6] F.R.

## REGURGITATE

«Sickening Bliss»



[CD – Relapse/Mastertrax]

O impacto que os britânicos Carcass tiveram no movimento underground em geral – e nas tendências death metal e grindcore em particular – é inegável. Os suecos Regurgitate, por exemplo, são um daqueles projectos que basearam parcialmente a sua carreira na fórmula ultra-brutal e suja que caracterizou registos como «Reek Of Putrefaction» e «Symphonies Of Sickness» – «Effortless Regurgitation Of Bright Red Blood» e «Carnivorous Erections» deram continuidade à sonoridade que o grupo de Bill Steer abandonou quando decidiu contratar um segundo guitarrista e optar por uma abordagem significativamente mais técnica, melódica e complexa. A teimosia em manter inalterada a fórmula que os tinha inspirado a formar a banda acabou por fazer com que os Regurgitate se transformassem, eles próprios, em alvo de culto fervoroso a nível underground e numa fonte de referência para tantos outros músicos neste espectro. Quiçá cansado do surgimento em catadupa de colectivos apostados em criar algo semelhante, o quarteto ensaiou uma alteração estilística que deixou em estado de choque muitos dos seus seguidores. Em 2003, «Deviant» revelou uns Regurgitate mais “adultos” – claramente apostados em experimentar uma abordagem mais moderna ao grindcore. Por esta altura já o guitarrista Urban Skytt estava a tocar com os Nasum e a associação a Mieszko Talarczyk [que gravou o álbum dos estúdios Soundlab] funcionou como a desculpa perfeita para que se gerassem de imediato comparações – parcialmente justificadas – aos autores de «Inhale/Exhale». O resultado final estava longe de ser mau, mas não conseguia desvanecer a ideia de que os Regurgitate tinham sacrificado uma grande parte da sua personalidade – que por sua vez já era emprestada pela tal banda com nome começado por “C” – para se modernizarem. Três anos depois o quarteto está de volta ao formato original e à brutalidade visceral que caracterizou os seus primeiros trabalhos. A nível de produção continuam modernos q.b. e ainda conservam algum do dinamismo que caracterizava o disco anterior, mas a nível de composição e execução voltaram à selva-jaria nojenta que lhe faltava. Ao longo